

25 MAR 1963

	1963
	JANEIRO - FEVEREIRO
	ANO VI N.º 28
Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA	

ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA



Redactores

José Aica e Manuel Carrinho

Redactor Desportivo

Humberto Amoral

Orientador Gráfico

Carlos Goulart

Administradores

Luis Gonçalves e Luis Arruda

OS ESTRANGEIRISMOS

Em todas as línguas, sem nenhuma excepção, nós verificamos que é absolutamente necessário o emprego de alguns termos estrangeiros. Uma vez que é inevitável o seu uso em certos casos, alguns muito especiais, empreguem-os; mas façamos sempre a diligência para que só português seja falado entre nós.

Não se poderá negar que entre nós, portugueses, esse mal tem alastrado muito mais que em quaisquer outras nações, talvez ainda um pouco influenciados pelos nossos antigos, que neste aspecto nos conseguiram superar.

Com efeito, no séc. XVIII, quem ouvisse falar, principalmente os nobres, assimilava muitos galicismos, porque nesse tempo, no Reino de Portugal, falava-se quase exclusivamente o francês.

Este defeito começou a fazer-se sentir embora levemente, em fins do sécu-

lo XVII. A sua origem foi o casamento de D. Pedro II com uma infanta francesa, do que resultou começarem a ser introduzidas em Portugal, primeiramente, as ideias francesas; e depois algumas palavras e expressões gálicas começaram a ser usadas na corte. Tornaram-se tão elegantes para eles as ditas palavras e expressões que dentro em pouco todo aquele que não soubesse um mínimo de francês era considerado ignorante.

Começou então aí um longo calvário para a pureza da nossa língua, calvário esse que com dificuldade foi parcialmente vencido e que precisa de o ser completamente. Até nos conventos, que tinham sido os principais centros culturais da Idade-Média, e estavam na origem daquelas escolas literárias tão belas que, posteriormente, foram desenvolvidas pelos escritores do séc. XVI, essa influência se fez sentir. Quão tristes e dolorosos não devem ter sido esses dias para os poucos literatos portugueses que, quer por princípio, honra ou patriotismo, não tinham aceitado o emprego desses termos que assim corrompiam a língua!

Conclui na 3.ª página

Leia JEPSA

nas páginas centrais
uma tertúlia que revive

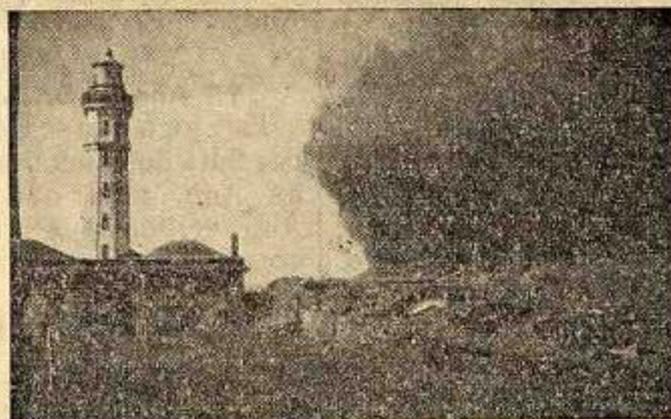
A Paisagem da Capela

A fascinante paisagem capelense observada do cimo do Cabeço Redondo é uma das mais belas do Faial.

Chegados ao cume, temos aos pés o coração da freguesia estendida por cerca de 8 quilómetros no meio do verdejar das faias e insensos que orlam toda a povoação.

Saltam-nos logo à vista

placa metálica sobre a qual na hora do meio dia caia um pesado martelo cujo som era ouvido em toda a parte central da freguesia. Levantava-se também ali perto um edifício apenas habitado por umas dezenas ou mesmo centenas de pássaros cuidadosamente seleccionados pelo Senhor; e um moinho sobre um pequeno alto on-



... e as explosões do monstro marinho eram continuas...

duas grandes e simbólicas construções, antigas, mas de valor incalculável na alma daquela população cren-te e rude em parte.

São elas a Igreja paroquial onde diariamente se celebra a Santa Missa e da qual os devotos recebem as graças e bençãos do Pai Celeste, regressando aos seus trabalhos de lavoura; e o antigo castelo que foi residência e propriedade do Conselheiro Terra Pinheiro, que habitou aquela região há setenta e tal anos. Este castelo possuía um relógio de sol e junto da torre existia uma

de se encontravam os barómetros e todos os instrumentos meteorológica.

Lá além branquejam as casas do Areiro e Ribeira

Conclui na 3.ª página

"Bom Combate"

Temos recebido regularmente o «Bom Combate», boletim semanal da Ouvidoria de Santa Maria Madalena, do Pico.

Optimamente elaborado, têm o «Bom Combate» a dirigi-lo a dinâmica figura do Rev. Padre José de Freitas Fortuna.

Rádio Gazeta

Com uma missão especial, este programa do Rádio Clube de Angra comemorou, em Dezembro do ano transacto, o seu 3.º aniversário de actividade.

Ao felicitar-mos o seu Director, o distinto jornalista Sr. Fernando Mendonça, fazemos votos para a continuação da sua acção em prol do desenvolvimento da Imprensa Açoriana.

Campeonato de Andebol

Teve início no dia 12 de Dezembro o 5.º Campeonato Distrital da M. P., na modalidade Andebol de 7.

Os jogos tem sido disputados no Campo da B. I. D. C. n.º 1. No entanto o mau tempo tem prejudicado muito as exhibições das equipas, pelo que os jogos têm sido de baixo nível.

Damos a seguir as formações e resultados referentes à 1.ª volta.

1.ª JORNADA

7.º Ano 10—4.º Ano 4
Árbitro—F. Rocha

7.º Ano—Avelino; Aica, Carrinho e Mesquita; Lourenço, Belchior e Caetano.

4.º Ano—Sérgio; P. Luis, Leandro e Machado; J. Castro, Rui e Fraga.

1.ª Parte: 6-2 a favor do 7.º Ano.

Marcadores: Lourenço (8) e Aica (2) pelo 7.º Ano.

Fraga (2), Rui e J. Castro marcaram pelo 4.º Ano.

* * *

6.º Ano 3 — 5.º Ano 2
Árbitrou M. Lourenço, tendo as equipas alinhado como se segue:

6.º Ano—Carmo; Quaresma, Rocha e Naia; Rodrigues, Jorge e Aurélio. Sup. Ricardo Romão.

5.º Ano — Magalhães; Paiva, A'vila e M. Rosa; Miguel, Bettencourt e Pinto.

1.ª Parte: 2-1, favorável ao 6.º Ano.

Marcadores: Rocha (3) apontou os tentos do 6.º Ano—Miguel e Bettencourt marcaram pelo 4.º Ano.

2.ª JORNADA

5.º Ano 0—4.º Ano 2
Árbitro—M. Avelino

5.º Ano — Magalhães; J. Alberto, M. Rosa e M. Henriques; Paiva, Miguel e Bettencourt.

4.º Ano—Sérgio; Leandro, Machado e P. Luis, J. Castro, Rui e Fraga.

1.ª Parte—0-0

Marcadores—Adolfo Fraga (2).

* * *

7.º Ano 1 — 6.º Ano 3
Árbitro—Sarg. Dutra

7.º Ano—Avelino; Aica, Lourenço e Mesquita; Humberto, Carrinho e Caetano.

6.º Ano—Carmo; Quaresma, Mendonça e Naia; Aurélio, Rocha e Rodrigues.

1.ª Parte—0-0

Marcadores — Aica pelo 7.º Ano.

Rocha e Rodrigues (2) pelo 6.º Ano.

3.ª JORNADA

4.º Ano 6 — 6.º Ano 6
Árbitro—J. Aica

6.º Ano—Carmo Quaresma, Rocha e Naia; Rodrigues, Aurélio e Jorge.

4.º Ano—Sérgio; Fraga, J. Castro e Leandro; P. Luis, Rui e Machado. Sup. H. Castro.

1.ª Parte—3-1 a favor do 6.º Ano

Marcadores — Rodrigues (3), Rocha (2) e Quaresma pelo 6.º Ano.

J. Castro (2), P. Luis (2), J. Machado e Rui pelo 4.º Ano.

* * *

7.º Ano — 5.º Ano

Este jogo não se efectuou, por falta de comparência do 5.º Ano, pelo que o 7.º Ano averbou os dois pontos correspondentes à vitória.

Classificação ao fim da 1.ª volta

	J	V	E	D	Golos	P
6.º Ano	3	2	1	—	12-9	5
7.º Ano	3	2	—	2	11-7	4
4.º Ano	3	1	1	1	12-16	3
5.º Ano	3	—	—	3	2-5	0

Melhores Marcadores

- 1.º—Lourenço (7.º A) — 8
- 2.º—Rocha (6.º A) — 6
- 3.º—Rodrigues (6.º A) — 5

FESTA DE DESPEDIDA

No passado dia 9 de Janeiro, o filiado M. Avelino fez a sua despedida das lides desportivas. Os colegas da equipe do 7.º Ano, antes do jogo 7.º - 6.º, ofereceram-lhe uma pequena lembrança. M. Avelino durante a sua permanência neste Liceu (11 anos) defendeu por várias vezes as

Evolução da Desparta (1)

por Carlos Goulart

No dizer de Pierre de Coubertin, o renovador do olimpismo, desporto é o culto voluntário e regular, do exercício muscular intensivo, firmado no desejo do progresso que pode ir ao sacrifício. Por sua vez, George Herbert considera desporto todo o género de exercício ou actividade física tendo por objectivo o estabelecimento de um resultado superior e cuja execução assenta essencialmente sobre a ideia de luta contra um elemento definido; distância, tempo, adversário, por generalização, contra si próprio.

Embora ligado à ideia de competição, o desporto pode ser aplicado como pro-

exercício físico, pelas exigências da vida; a caça não era o desporto, porque era o recurso para alimentar a família e a esgrima das armas rudimentares a necessidade de ataque ou defesa.

É curioso notar, que o homem, mesmo antes de usar a arma natural dos punhos, preferiu recorrer para o combate, de armas artificiais, massas, clavas, achas ou paus cujo manejo lhe aumentava a capacidade de poder no desconhecimento em que vivia, duma preparação física adequada aos seus interesses.

Nos povos da antiguidade, Egípcios, Assírios, Caldeus, Persas, etc., encontramos vestígios de jogos de características desportivas e de exercícios utilitários, como a natação e a equitação.

Os documentos que chegaram até nós pelos achados arqueológicos de baixos relevos e pinturas, fornecem dados interessantes, comparando a origem remota dos jogos e estilos que a nossa época julga haver criado.

Os exercícios físicos, são tão velhos, como as mais antigas civilizações; na China e na Índia, trinta séculos antes da nossa era, já eles estavam codificados, atribuindo-lhes importância sanitária.

Os cinquenta séculos do apogeu da civilização egípcia, consagram os exercícios físicos um valor no hábito dos povos segundo testemunham as pinturas de lutadores que figuram no museu de Munique e foram trazidos do túmulo de Beni-Hassan.

Em nenhum destes países, ou dos outros cuja civilização ocupou um período da mesma época, como a Pérsia e a Assíria, encontramos início de verdadeira concepção pedagógica do desporto que fizeram prever a evolução gerada pelo génio helénico.

Conclui na 7.ª página

- Despartas -

cesso higiénico de aperfeiçoamento físico e em tais condições, ser considerado um dos melhores elementos educativos por intermédio do exercício físico.

O exercício do corpo, considerado, na essência mecânica, de simples exercício físico muscular, nasceu com o homem e tem acompanhado a sua evolução. Se apreciarmos o problema debaixo dos critérios modernos do espírito educativo, resumem-se em três os períodos da história nos quais a sociedade soube compreendê-los e aplicá-los.

Na época pré-histórica o homem era obrigado ao

cores do nosso Centro quer em Andebol quer em Futebol de Salão, actuando a guarda-redes, onde sempre se notou a sua tendência para dar «frangos».

Ao Manuel Avelino, que se encontra em Tavira a prestar serviço militar, desejamos as maiores felicidades.

Os Estrangeirismos

Conclusão da 1.ª página

A nossa consciência alivia-se um pouco quando verificamos que houve portugueses assim, e que, mais ainda, lutaram contra essas expressões, metendo-as a ridículo.

Vejam Cruz e Silva que, no canto V do poema «Hissope», faz alusão, aliás dum maneira bastante pitoresca, a esse vício. Diz ele que se os nossos antepassados ressuscitassem, ao ouvirem o português que então se falava, pensariam que estavam não em Portugal, mas nos sertões africanos; e ao descobrirem a verdade morreriam de vergonha, pela segunda vez.

A' semelhança de Cruz e Silva devemos nós também combater esse erro que infelizmente grassa abundantemente entre nós. Se esses indivíduos, cuja pretensão é a de saberem falar estrangeiro, o falassem fluente e correctamente, poderiam ser em parte desculpados. Embora só devessem falar português, ao menos não estropiavam ainda mais a já adulteradíssima lingualusitana. Mas não; pelo contrário, esses pretensos sabichões, outra coisa não fazem senão misturar os idiomas de tal maneira que, além de estragarem o português, estragam também as outras línguas.

São três as causas principais do emprego dos estrangeirismos:

—Pedantismo, ignorância, intuito comercial.

Sem dúvida que a primeira causa é a mais vulgar; muitas são as pessoas que estando convencidíssimas de que aqueles termos lhes dão elegância os usam indiferentemente; e a sociedade, lamentavelmente, aplaude-os. Bem ingénua são eles, na realidade. Também se encontram com facilidade indivíduos que ao ouvirem pessoas de mais categoria social empregarem os estrangeirismos, pen-

sam que será correcto e mesmo elegante usá-los também, e assim, sem saber o que fazem, deixam-se arrastar pelos outros viciando-se deste modo no uso incorrecto dos estrangeirismos.

São ainda bastante frequentes os casos em que a intenção comercial predomina. Não é raro verem-se numerosos anúncios de produtos nacionais com um nome estrangeiro. Baseia-se este facto na credulidade do povo, para o qual os produtos estrangeiros são sempre superiores.

Mas não é só em Portugal que isto se passa; por exemplo, é bastante vulgar aparecerem na França produtos franceses, mas com nome inglês, o que atrai imediatamente a atenção da clientela.

Falei há pouco em uso incorrecto dos estrangeirismos. Evidentemente que, como já disse, há algumas palavras que têm até necessidade de serem introduzidas numa língua. Senão, vejamos: quando é inventado um aparelho, quando se cria uma nova instituição, etc. e não há na língua palavra apropriada para eles, temos que recorrer a um nome estrangeiro.

Há ainda uma outra justificação para os estrangeirismos: quando um vocábulo português exprime com clareza o sentido pretendido, sendo todavia ultrapassado em beleza por um termo estrangeiro cujo significado é o mesmo, pode ser empregada a palavra estrangeira.

Felizmente, a louvável acção dos locutores radiofónicos tem concorrido muito para amenizar o mal. Merece especial referência a de algumas emissoras que têm feito o maior esforço para que nas suas emissões não sejam pronunciados estrangeirismos. Como toda a medalha tem o seu reverso, outras há em que se passa exacta-

mente o contrário; ou seja, é frequente ouvirem-se transmissões radiofónicas em que proliferam os termos estrangeiros.

Por outro lado, há uma certa ignorância por parte da imprensa e de alguns tradutores. Nas obras estrangeiras que são traduzidas para português, aparecem, como é natural, certos termos de tradução mais difícil. Que fazem então os tradutores? Aportuguesam-nos, quando na realidade podiam usar outros, embora menos conhecidos, mas genuinamente portugueses, e ao que parece completamente ignorados por eles.

Por vezes, o conjunto desses vocábulos num só livro poderia formar um irrisório dicionário cujo título deveria ser «Dicionário de Pretoquês».

Será isto, sem dúvida alguma, bastante caricato, mas é a triste realidade.

Actualmente os nossos escritores têm a preocupação de não incluir nas suas obras os estrangeirismos ofensivos para a língua, como o faziam alguns dos nossos mais célebres prosadores, por exemplo.

Seria uma grande iniciativa se se organizasse um movimento que tivesse como objectivo inculcar nos espíritos quão vergonhosa é a prática dos estrangeirismos, e cujos principais precursores fossem a Rádio e a Imprensa. Naturalmente que todos beneficiariam dessa campanha.

Não sejamos pois, extremistas. Evitemos o mais possível o uso dos estrangeirismos, lembremo-nos de que se queremos ser patriotas, esta pode ser uma das maneiras de o conseguirmos; pois um grande acto de patriotismo será guardarmos intacta a mais bela e mais casta língua latina, aquela que os nossos antecessores nos legaram!

Carlos Manuel Fraião

Apaisagem do Capelo

Conclusão da 1.ª página

do Cabo como carneiros perdidos na campina imensa. Mais na faixa costeira os chalés espreitam por entre as vinhas e as árvores no sitio do Varadouro, centro de veraneio e águas termais, apreciado na ilha.

Voltemo-nos agora para a parte norte da freguesia. Junto à Igreja, altiva e de construção moderníssima ergue-se o edificio da escola primária.

O casario eleva-se consecutivamente ao longo da estrada longitudinal até junto do sitio do Canto, outrora verdejante e agradável, hoje coberto de luto por extenso manto negro de cinzas e areias expelidas pelas bocarras enormes de um gigantesco vulcão que em Setembro de 1957 apareceu junto da costa, mesmo em frente ao farol dos Capelinhos, onde começou a ferver a água dando a sensação de um redemoinho no mar calmo e bem azul.

Meses foram passados, e a parte norte do Capelo era diariamente coberta por chuvas de lama, e as explosões do monstro marinho eram continuas e em média de 700 metros de altitude.

Tudo acalmou, e o gigante cobarde, que ameaçava a ferro e fogo toda a população, dorme agora. Talvez para sempre, depois de ter formado uma grande península de areias e lava.

Do farol danificado e subterrado apenas resta a torre que se ergue naquele autêntico deserto.

Mais ao longo da costa norte, temos um pequeno aglomerado de casas que nos prende a vista na sombra negra que agora começa a reverdecer.

E' esse pequeno aglomerado o sitio do Norte Pequeno, limite da freguesia do Capelo.

Mário Manuel Simas de Lemos

5.º ano-B

Editorial

Ao lado dos grandes entusiasmos em que a Juventude por vezes se agiganta, para vergonha dos que desconfiam e paralizam a sua actividade, segue sempre a inconstância que no geral ensombra as suas iniciativas e a faz descrever da possibilidade que tão raramente surgiu nos planos de futuro por ela traçados.

Por sobre a sua hesitação e débil persistência, acreditamos todavia que nem tudo, na vida da Juventude, é episódico, sobretudo se se liga a um ideal que ela sempre amparou e que sobrepôs a todas as contrariedades.

E é neste gesto de crença ainda nos valores do espírito e na compreensão da superioridade daquele a qualquer tendência de outra origem, que ela pretende demonstrar, ainda que truncada à minguada de apoio no seu próprio ambiente, esse fulgor que ainda é fermento dum futuro que não é unicamente seu.

Sem atitudes derrotistas e de independência,

MÁXIMA
MAIS INSTRUÇÃO,
CIÊNCIA E VERDADE

mas num sincero dar as mãos no trabalho da perfeição e engrandecimento das aptidões e tentando experiências que mais tarde e já agora saberão a mensagem, desejamos ser uma tomada de consciência para nós próprios e para os que nos situaram no transe da época, pugnando além disso por sermos o mais que pudermos.

Conclui na 7.ª página

Definindo uma Personalidade

Responde

HENRIQUE BRAZ

1—O seu ideal de felicidade terrestre?

Poder-se-á, porventura, idealizar uma felicidade terrestre?

2—O seu pintor favorito?

Salvador Dali

3—O seu músico favorito?

Beethoven

4—Que qualidades mais aprecia no homem?

A Honestidade

5—Os seus autores preferidos?

Quase todos os contemporâneos

Conclui na 7.ª página

J
E
P
S
A

ODE

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis

A Página

Em resposta a um mundo materializado que tenta seduzir e conquistar a própria juventude que se faz voluntariosamente a ideais grandes, esta página que agora se esboça, digamos inadvertida e inquieta, mas com propósitos de firmeza e aperfeiçoamento nos caminhos da verdade e da cultura, assinala um esforço que um grupo da dita juventude elaborou para a conquista do espírito.

Este mesmo ideal está significado nas iniciais que dão o nome à página. JEPSA: Juventude Estudantil procurando ser Alguém.

Juventude que se presta, mais que qualquer outra idade, a sonhos e esperanças que, muito embora feneçam na longa caminhada para o verdadeiro fim que procura, deixam sempre o seu clima característico de algo que se vai avantajando e definindo.

O estudo é o meio que a guia e conduz para esse termo ansioso, activa e curiosa na busca juvenil e sã de ser Alguém.

Conclui na 7.ª página

POEMA

Das Sombras e dos Desejos

Vem silenciosamente e beija-me
a fronte
afaga com a brasa de teus dedos longos
o sonho súbitamente impossível
Vem vagamente
e rasga-me a ânsia madura dos meus desejos
dá-me de novo a esperança do passado
que edificámos juntos para nós
Vem fundir teu gesto silencioso
na mão cheia de ideais que sonhámos juntos
Vem juntamente no crepúsculo das carícias mortas
ferir melodiosamente os soluços da alma
Vem solene feroz e idêntica
com a febre dos desejos e os braços que alcançam
o fundo do olhar
Vem com a tímida angústia das coisas impossíveis
e acalma misteriosamente a dor livida
que amarra ao solo
Vem cuidadosa e materna enfermeira
sorrir sobre tudo o que é falso e inútil
para que todas as vozes se calem
e se ausentem todos os corpos que pressinto
e reste só a voz extática e perturbadora...

Mas vem como beijo leve na tarde azul

Fevereiro de 1963

MÁRIO SÉVEN

FILMES DO MÊS

NOME	GÊNERO	CLASSIFICAÇÃO
Cavalheiros da Indústria	Policial	c/ interesse
As minas de Salomão	Aventuras	Interesse documental
O teu Filho deve nascer	Drama	c/ interesse humano
Meias de Seda	Com.musical	c/ muito interesse
Tufão sobre Nagasaki	Drama	c/ interesse
Quando o céu é mais azul	Musical	c/ interesse
Romeu e Julieta	Dramático	s/ interesse
O Homem da Colina	Aventuras	s/ interesse
OS VIKINGS	Histórico	c/ interesse

N. R. — Dentro do espírito de curiosidade e crítica por que norteamos a nossa actividade cultural, damos, com carácter permanente e desinteressado, a nossa opinião sobre os filmes que pelo mês foram passados na tela das nossas casas de espectáculo.

PARA NÓS ESTUDANTES

NÃO ESQUEÇA

Milo Nestlé

NOVOS BRINDES à sua escolha
apenas com 2 rótulos pequenos ou
1 grande de MILO NESTLÉ e

Esc. 12\$50	1 almocadeira no valor de cerca de 20\$00
» 30\$00	1 estojo de desenho » » » » 50\$00
» 40\$00	1 boneca regional » » » » 60\$00
» 50\$00	1 bola de futebol » » » » 70\$00

Alimento para o Estudante

*Combate o cansaço
Aumenta a capacidade de trabalho
Fornece energia para todo o dia*

à venda em todos os estabelecimentos

AGENTES DISTRITAIS

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

*Matezial
Escolar*

I

PAPELARIA
DO

CORREIO DA HORTA

• TEL. 61 • TEL. 61 •

Para qualquer avaria

tel. 61

Secção eléctrica
dos estabelecimentos

Francisco J. Campos, Lda.

PESSOAL
ESPECIALIZADO

• TEL. 61 • TEL. 61 •

*Padaria
Açoriana*

DE

José Peixoto de A'vila & Ca.

Fabrico e distribuição de pão

Artigos de Mercearia

Vinhos

Cervejaria

Padaria Açoriana

Praça do Infante

Mercearia *Favorita*

H
O
R
T
A

Para os seus presentes
prefira os bombons da
Favorita, pois são os que se
distinguem entre os melhores

Tudo de Mercearia e Vinhos

C O R

QUALIDADE
BELEZA DURADOURA

SÓ COM

Robbialac

Agentes distribuidores
no Distrito

Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, Lda.

Estudantes!!!

Divulgai o
vosso jornal
e lede as páginas do

"Arauto"

Comerciantes!!!

Quereis que os vossos
produtos sejam
conhecidos?

ANUNCIAI

Casa Arruda

O MELHOR CALÇADO
e os mais lindos modelos
aos mais baixos preços
em rigorosos exclusivos

Veja e gostará

ALGODÕES

LANIFICIOS

HORTA

Restaurante-Bar

ESMERADO SERVIÇO,
BOM GOSTO E
AS MELHORES EMENTAS

O Restaurante
que deve preferir

O-LO-HO-JO-O

Se no Comércio o reclame
é tudo, cá vai um pouco

Os Soares

com mais 1 Auto
Mercedes a gasolina
último modelo, su-
põem satisfazer hoje
melhor que nunca

telefone 213

HOJE E SEMPRE

Café VOLGA

Não esqueça portanto visitar o

é a última palavra do género.

e novo sistema de iluminação,

— Sim! E agora com ornamentações a cores,

Já não é o café da malta?

O CAFÉ VOLGA

— EHI PÁ!

CAFÉ VOLGA

Confie a execução
dos seus trabalhos
fotográficos à

Foto Azul

RUA WALTER BENSÁUDE

Conclusão da 4.ª página

Fugiremos da discórdia e das atitudes perigosas para a comunidade, mas jamais nos desviaremos da verdade e dos princípios morais da nossa educação católica, mesmo que a intenção assuste e descontente um tal característico viver fictício que muito se esforça por nos impingir seus padrões imorais, concordemos que em convite bem camuflado.

Escolhos já topámos, mas essa peia não deixará de nos revigorar a teimosia de querermos um mundo melhor onde a vitória seja a do espírito e o modo habitual de consciência seja a sua própria paz. Ensanguentados mesmo, ou reduzidos a farrapos de desilusão, teremos mais certa a vitória de um futuro que é nosso e com o cunho de radiosa reconquista.

Pedimos ajuda a quem estiver à altura de nos compreender, irmanando os seus aos nossos pensamentos, dando-nos vigor e certeza, ensinando-nos a caminhar pacífica e continuamente.

Certos de que somos capazes e merecedores, abalançamo-nos a avançar, a avançar sempre, e que os desfalecimentos, se os houver, sejam causa de maior simpatia e apoio.

Passatempo

Substitua os pontos por letras de modo a formar nomes de escritores portugueses e estrangeiros.

A.....
 R.....
 ..A.....
 ..U.....
 T.....
 O.....
 N.....
 O.....
 ..R.....
 E.....
 C.....
 R.....
 E.....
 I.....
 O.....

Esperamos assim que o futuro, onde a nossa vida e actuação se há-de erigir e operar, seja uma real recompensa, resultado útil e vivificante das nossas potencialidades aproveitadas.

Pela JEPSA, servindo o espírito.

J. B.

Definindo uma personalidade

Conclusão da 4.ª página

neos, destacando-se, nos portugueses, Alves Redol, Jorge Amado e José Rodrigues Miguéis, e nos estrangeiros Arthur Miller, Carlo Cocioli e Hervé Bazin.

6—Os seus poetas preferidos?

Fernando Pessoa, José Régio, Miguel Torga e Florbela Espanca

7—As qualidades que prefere na mulher?

A inteligência, a sinceridade e a beleza

8—A sua ocupação favorita?

Ler, ouvindo música

9—O principal atributo do seu carácter?

Eterocentrismo

10—A sua divisa?

Não tenho.

A PÁGINA

Conclusão da 4.ª página

Eis precisamente o termo: ser Alguém.

Mas não estamos sós, já que incrível seria abalançarmo-nos a tanto sem o ademão de quem, acima de nós, possui a certeza feita de longas experiências. Temos a orientar-nos a visão acertada e condizente para a nossa fogsidade muitas vezes intemperante dos mestres que nos formam para um amanhã recente de homens que seremos.

Como se depreende de JEPSA e da máxima que sempre usaremos como lema, esta página, como a tertúlia que a lançou, é dos jovens e para eles. E' por isso que, certos do seu assentimento, lhes facilitamos, não apenas um gesto de aplauso mas a sua actividade guiada generosamente para o seu próprio bem.

Evolução da Desportiva

Conclusão da 2.ª página

Na Grécia, culta e apaixonada pela beleza física, o evercício do corpo foi aplicado com a mesma ideia desportiva contem-

porânea. O culto pelo atletismo, desenvolveu-se na Hélada e aproveitou do espírito mais ou menos religioso das cerimónias destinadas a enaltecer-lhe os resultados.

Foram assim criados os Jogos Olímpicos, cuja primeira celebração data do ano 776 a. c. e se repetem com espaços de quatro anos, até 393 a. c. extintos à ordem do imperador Bizantino Teodósio. Além destes, realizaram-se outros jogos em outras partes da península, todos eles exercendo ampla propaganda popular da cultura física e incitando o povo à frequência de ginásios, onde se reuniam novos e velhos; com o intuito de exaltar o vigor e a beleza física, aliada ao apuramento do espírito nas escolas filolóficas ali instaladas.

Na maioria dos desportos gregos (corridas, saltos, lançamentos, lutas pugilatos, etc.) encontra-se a preocupação de aumentar a dificuldade. Corriam sobre areia solta, calçavam sandálias, sapatos com solas de chumbo; ao passo que actualmente se deligência tornar o gesto desportivo cada vez mais harmonioso, os métodos gregos visaram aumentar a força e energia.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	X								X
2		X						X	
3			X				X		
4				X		X			
5					X				
6				X		X			
7			X				X		
8		X						X	
9	X								X

HORIZONTAIS: 1 — Silenciosos; 2 — Partes das árvores; 3 — Atmosfera, ruído, batráquio; 3 — Tempero, cabelos brancos; 5 — Lavar estanca; 6 — Tinta, casa; 7 — Artigo (pl.) advérbio, sorri; 8 — Algodão; 9 — Apelido.

VERTICAIS: 1 — Peças do vestuário; 2 — Invulgares; 3 — Atmosfera, habitação, aqui, 4 — Pêlos de certos animais, tom; 5 — Patrões, cordel; 6 — Prenda, desgosto; 7 — Artigo (pl.), substância branca, interjeição; 8 — Tosquiar; 9 — Montão de casas.

NÃO SE ESQUEÇA:

LEIA JEPSA

Não hesite...

Dirija os seus passos à

MERCEARIA

Othon Amaral

com o mais completo sortido

de mercearia fina

TELEFONE 139

Prosseguem as actividades da Milicia, que estão a ser frequentadas, com muito interesse, por mais de 40 filiados.

Tem-se realizado aulas teóricas e práticas, sessões de Educação Física e, sempre que o tempo o permite, marchas.

Nesta página dedicada ao filiados do Centro de Milicia n.º 26. continuamos a publicar alguns apontamentos de ordem teórica.

Topografia

Processos de orientação:

- Pela carta
- Pelo Sol
- Pelo Sol com o relógio
- Pela bússola
- Pela Estrela Polar
- Pela Lua
- Pela sombra de uma estaca
- Por indícios e por informações

Medição e avaliação de distâncias:

- A) Processos directos:
- Pelo passo
 - Pela roda de uma viatura
 - Pelo tempo do percurso
 - Por marcos quilométricos e hectométricos
- B) Processos indirectos:
- Régua de milésimos
- $$D \text{ (km)} = \frac{F \text{ (m)}}{N.º \text{ de milés}}$$
- Pelo som
 - À vista

ESPINGARDA MAUSER

Subdivisões das 10 partes principais

1.ª—No Cano: seis estrias, câmara de carregamento, cone de concordância:

Na Caixa da culatra: alojamento para a culatra móvel.

2.ª—Corpo, percutor com mola, cão, fecho de segurança, ferrolho.

3.ª—Ponto de mira (base, crista com vértice), alça (lâmina graduada em hectómetros, cursor, ranhura de mira).

4.ª—Mola em M com transportador.

5.ª—Ejector, mola.

MILÍCIA

6.ª—Gatilho com mola.

7.ª—Delgado, corcova, fuste, talão, bico.

8.ª—Grampo do sabre baioneta, orelhas protectoras do ponto de mira, braçadeiras superior e inferior, guarda-mato, chapa de coice.

9.ª—Bandoleira, vareta, protector de boca.

10.ª—Bainha.

No sabre: punho, botão de fixação, lâmina (goteiras, gume, costas, bico).

Regulamento de Continências e Honras Militares

5—Todas as continências começam à distância aproximada de 5 passos e terminam depois de passados 3, excepto para as Bandeiras ou Estandartes militares e Chefe de Estado quando em trânsito, em que começam a 10 e terminam a 5.

6—O superior tem por obrigação corresponder à continência ou cumprimento que lhe for feito, excepto quando estiver em formatura.

7—Quando se acharem reunidos diversos superiores, a continência ou cumprimento do inferior é dirigida a todos, mas compete corresponder ao mais graduado, ou em igualdade de graduação ao mais antigo dos que se encontrem uniformizados.

8—O superior não deve esquecer que a atenção dos seus subordinados está sempre fixa sobre os seus actos e que, por isso, o seu exemplo irrepreensível, a atitude perante os seus superiores, na maneira por que os respeita e cumprimenta e corresponde aos cumprimentos dos inferiores é o meio mais seguro de garantir esse respeito por parte dos seus subordinados.

9—A continência é prestada a todos os graus da hierarquia militar, a partir do furriel, inclusivé.

10—Os graus de hierarquia militar, para efeito de continência e honras mili-

tares, agrupam-se nas seguintes categorias:

1.ª—Marechal, General e Brigadeiro.

2.ª—Coronel, Tenente-Coronel e Major.

3.ª—Capitão, Tenente, Alferes e Aspirante a oficial.

4.ª—Sargento - Ajudante, 1.º e 2.º Sargento e Furriel.

Regulamento de Disciplina Militar

ARTIGO 50.º

O tempo de cumprimento da pena de inactividade não se conta para efeito algum como tempo de serviço efectivo.

ARTIGO 51.º

O oficial que for punido com a pena de inactividade descerá na escala de acesso tantos lugares quantos forem designados no valor de x , desprezadas as fracções, da fórmula

$$x = n \frac{m}{12}$$

em que n representa a média de promoções relativa ao posto imediato no respectivo quadro do oficial punido, durante os últimos dez anos civis, e m o número de meses de castigo.

ARTIGO 67.º

Os chefes militares que exercem funções de comando ou direcção são os competentes para recompensar ou impor penas disciplinares. Porém todo o militar pode admoestar ou elogiar os seus inferiores por qualquer acto por estes praticado que não deva ser punido nem recompensado nos termos deste regulamento.

ARTIGO 71.º

Todo o superior pode ordenar a prisão ou a detenção aos inferiores, sempre que assim o exija a disciplina.

ARTIGO 72.º

Em caso de flagrante delito ou de grave infracção de disciplina o superior é obrigado a intimar ordem de prisão ao delinquente,

devendo se assim o exigirem as condições de gravidade, ocasião ou local, mandá-lo deter em qualquer lugar apropriado ou entregá-lo a um posto de guarda e a recorrer a todos os meios que sejam absolutamente necessários para a manutenção da disciplina.

ARTIGO 77.º

Nenhum militar, qualquer que seja a sua graduação, poderá admoestar ou elogiar qualquer inferior na presença de um superior seu, sem previamente lhe pedir autorização.

ARTIGO 79.º

O limite da competência disciplinar das autoridades militares é o marcado nos quadros anexos a este regulamento.

ARTIGO 106.º

Além das recompensas estabelecidas pelas leis e regulamentos em vigor, podem ser concedidas aos militares as seguintes:

- Louvor;
- Dispensa de serviço;
- Licenças sem perda de vencimentos.

ARTIGO 109.º

Além da licença a que se refere o artigo 107.º poderá ser concedida, quando não houver prejuízo para o serviço, em cada ano civil, uma licença, sem perda de vencimentos, até trinta dias seguidos ou interpolados, aos militares que a solicitarem e satisfaçam às condições seguintes:

1.ª—Que cumpram com assiduidade, zelo e aptidão os seus deveres profissionais.

2.ª—Sendo oficial, não ter sofrido qualquer das penas de inactividade ou de prisão disciplinar agravada, nos últimos três anos, não ter sido punido com prisão disciplinar e nos últimos dezoito meses não ter sofrido algumas das penas de prisão simples ou disciplinar.

3.ª—Sendo praça de pré, estar na 1.ª ou 2.ª classe de comportamento e não ter sofrido nos últimos doze meses qualquer punição.

§ único. A licença a que se refere este artigo não é descontada no tempo de serviço militar.

Do nosso Centro

—Está a prestar serviço no Centro Escolar N.º 1, como Monitor, o 2.º Sargento Sr. Fernando Amaral Garcia Dutra.

—Segundo directivas emanadas do Comissariado Nacional da M. P., está em funcionamento o Curso de Chefes de Quina, que este ano conta com uma frequência excepcional de filiados.

—Por ordem de serviço da Delegação Distrital, foram arvorados os seguintes Chefes de Quina:

Luis Gonçalves da Rosa, Ricardo Madruga da Costa, Mário Manuel Goulart, Herberto Pacheco de Faria e Luis Carlos Decq Mota.

Boas Festas

Tiveram a amabilidade de enviarem cumprimentos de Boas Festas à Redacção do nosso Jornal os antigos Redactores Srs. António Alves Soares e José Manuel de Sousa Melo.

Ao agradecermos a gentileza, desejamos-lhes as maiores prosperidades no ano que decorre.

—Também a Robbialac Portuguesa, por intermédio dos seus Agentes na Horta, nos dirigiu saudações de Boas Festas.

Agradecemos.

“AMIGOS DE OLIVENÇA”

nas Comemorações do dia 1.º de Dezembro

Como estava anunciado, realizou-se a homenagem do Grupo «Amigos de Olivença», aos Restauradores de 1640.

A Direcção deste patriótico agrupamento, acompanhada por elevado número de associados, incluindo muitas senhoras, foi colocar, como de costume, na base do Monumento dos Restauradores, uma linda placa de flores, representando o brasão de armas da antiga e saudosa vila portuguesa de OLIVENÇA.

No final da cerimónia, pelo sócio n.º 1, foram dados vivas à Pátria, ao Império Português e à Restauração de Olivença, que foram secundados vibrantemente por todos os presentes.

Soluções

Palavras Cruzadas

×	C	A	L	A	D	O	S	×
C	×	R	A	M	O	S	×	C
A	R	×	S	O	M	×	R	A
S	A	L	×	S	×	C	A	S
A	R	A	R	×	T	A	P	A
C	O	R	×	F	×	L	A	R
O	S	×	S	I	M	×	R	I
S	×	C	O	T	A	O	×	O
×	R	A	M	A	L	H	O	×

Passatempo

Arthur Miller
José Régio
Eça de Queiroz
Fulton Sheen
DosToievski
Paço d'Arcos

LeoN Uris
CastrO Soromenho

FeRnando Namora
Alves REdol
Erskine Caldwell
Graham GReene
Jorge de SEna
AntónIo Sérgio
HoráciO Caio

DO NOSSO LICEU

—Oferecidas pela Delegação na Horta da F. N. A. T., realizaram-se duas sessões de cinema dedicadas aos Alunos deste Liceu, sendo exibidos os filmes «Joselito, Coração de Ouro» e «Os Irmãos Marx na O'pera».

Também se efectuou uma sessão de cinema com filmes educativos cedidos pela Shell Portuguesa e pelo Consulado Americano.

—Encontra-se a prestar serviço na Secretaria do nosso Liceu o Sr. Silvestre Cerqueira Pires.

—As obras de construção dos edificios de ampliação do nosso Liceu, a cargo da

firma João Vieira, Ld.ª, continuam em ritmo bastante rápido, pelo que se espera que num futuro próximo os Alunos deste Estabelecimento de Ensino poderão beneficiar das condições pedagógicas dos novos pavilhões.

Novo Centro da M. P.

Acaba de ser criado em Santa Cruz das Flores, no Externato da Imaculada Conceição o Centro Escolar N.º 2 da Ala e Divisão da Horta.

Em nome do nosso Centro, o «Arauto» sauda os seus Dirigentes e Filiados.

Ultima Hora

—Novas luzes brilham na Avenida, ou será que se tenta nova espécie de arborização?

Pena que tudo aquilo afinal tenha muito sabor a lapas e limos. Ela é um pássaro de cabeça amarela. Ele... um tipo muito congruente.

São aliás muito correctos e... diurnos.

Na Secção de Papelaria

DA FIRMA

Manuel Alexandre da Silva

(HERDEIROS)

Rua Walter Bensaúde, 10

Encontrará todo o material da especialidade,

bem como louças finas, brinquedos, etc.

Se quer ser bem atendido e deseja bons trabalhos dirija-se à

Sapataria

LECOQ

Rua Walter Bensaúde

HORTA

RIDENDO CORRIGO MORES

DESPEDIDA

Eu, abaixo assinado, M. A. F. C., ao deixar esta boa vida de Estudante, por motivos imprevistos e de força maior, acho-me no dever de dirigir algumas palavras de saudação e despedida a todos quantos me acompanharam durante estes bem contados onze anos de árduo trabalho «a bem do saber». Não posso deixar de recordar os que entraram comigo para esta casa e que depois me foram ultrapassando e já se encontram a seguir as suas carreiras, mais ou menos favoráveis; os que entrando depois de mim me alcançaram no curso e agora frequentam a universidade; os que me acompanharam durante os últimos anos na extenuante *labuta* de adquirir novos conhecimentos, pois sempre pensei que o «saber não ocupa lugar»; e, finalmente, os que me *cravaram* cigarros e aqueles a quem *cravei* (estes mais numerosos que os primeiros).

De todos, portanto, me despeço com votos de muitas felicidades e podem fi-

Do Magistério

A última e sensacional notícia que nos chega do Magistério Primário, é o *enlace* de uma aluna do 1.º Ano com um ex-aluno do Liceu.

Confessa ela que sempre se interessou por assuntos agrícolas e a melhor maneira de se inteirar da matéria a fundo foi engatar um Regente Agrícola.

—Certo quintanista do rosso Liceu, resolveu rodear as dificuldades motivadas pelo exame do 5.º Ano e *matriculou-se* directamente no Magistério Primário.

Disse-nos ele ser grande admirador de flores, com um gosto muito especial pela flor que deu o nome de «Ilha Azul» à nossa encantadora terra, a hortênsia.

car certos de que a todos trago no coração (se é que não o deixei no Faial) e de todos me hei-de lembrar nas novas terras para onde o Destino me conduzir.

Horta, tantos do tal
ass) ilegível

N. R. Depois desta despedida que a todos nós comoveu, soubemos que o Sr. M. A. tem perdido bastante peso com a nova vida.

Também lhe dizemos que a sua partida deixou de luto a A. C. A. R. L. (Associação dos Cábulas e Assuntos Relativos, Limitada) de que era sócio fundador e o mais activo membro, pelo que é nomeado sócio honorário vitalício.

2 Regressos

—Ela regressou do Continente, ele já cá estava.

E foi assim que o F. V. e a sua cara-metade reata-ram um *romance* que havia sido interrompido brusca-mente por uma longa separação.

—O L. também voltou à primeira forma, dizendo que o seu mal era sempre o mesmo e que ela tinha sido o melhor lenitivo para o seu sofrimento da primeira vez que se tinham namorado. Mais um caso a confirmar que «não há amor como o primeiro».

Mágoa ou muita água?

Embora queiramos contar aos nossos leitores o que foi a despedida da E. M. do 7.º ano do seu «boy», não o podemos fazer com rigor. Lágrimas, acenos, promessas e... e (ficamos por aqui, senão...).

Aconselhamos a E. a não gastar muito tempo a pensar nele pois chumbo hoje em dia é o que todos querem. Uns para fazer tiro ao alvo, outros para marcar passo e existem ainda aqueles que o querem para fazer esculturas.

Qual será o caso?

Ela tem «razão»?

Acontece cada uma! Quem diria que ela assim pequenina ia casar? Será que voltamos ao tempo dos nossos reis, no qual os casamentos eram feitos pelos pais, pois os interessados não tinham ainda o uso da «razão»?

E lá tinha ela sem nós sabermos o seu «Manel» muito escondido em S. Jorge. Segundo ela, ele é um «amorzinho». Com certa posição social, muito «perfeitinho» e anda tudo (só raparigas, crêmos nós) com o «beicinho caído» por ele. Ela anda no 6.º ano, alinea E.

VISÃO

A A. que sempre foi boa marinha, resolveu este Verão ir até S. Miguel, para ver como as coisas por lá iam.

Calculem lá agora que ela arranhou um engate com um rapaz que, embora não sendo marinha, é empregado numa agência de navegação e tem facilidade em vir vê-la de tempos a tempos.

Isso é que é ter sorte ..

Estreia

Do Pico vejo o Faial
E do Faial vejo o Pico ..

Diz-nos o M. J. do 6.º Ano que pensou, e muito bem, que mesmo durante as férias grande, nunca estava muito longe dela.

Para começar, ele fez uns cálculos bastante certos.

Saindo da casca

Ele foi crescendo, começou a fazer a barba, a falar grosso, a usar calças compridas, etc. Nada de mais natural num rapaz que chega aos 15 anos. Até não nos admirámos nada ao sabermos que ele tinha começado a desvendar os segredos do amor e por aí anda, se não nos enganaram os nossos agentes, todo satisfeito com a sua cara-metade.

Embora esta piada possa servir a vários, se algum a tomar mais directamente para si, pode estar certo de que é a ele mesmo que ela se refere.

CINE

7.º F EM PARÓDIA

tem a vergonha de
apresentar
às
horas que
interessar

"Rabo Emprestado"

com um actor já várias vezes
aplaudido pelo nosso público

Dom Mingos Belcher

A COMPLETAR O PROGRAMA :

- «A maravilhosa Torre Eiffel»
- «Tentação aquosa»
- «Os passeios do zézé»

RIR ! RIR ! RIR !